

**tjl\_** Como você entende a relação entre a situação política da escola com o estado material do edifício? Como o encaminhamento das reformas está relacionado com a resignação da comunidade?

**Alexandre Delijaicov\_** A escola pública é um projeto. É como a cidade: o pessoal que está no primeiro ano da FAU pode estar dizendo: “está tudo um caos”. Não é um caos, é uma situação muito bem desenhada. Não é desenhada como um indivíduo que está desenhando, mas existe na verdade uma armação de circunstâncias.

Cada indivíduo, mesmo sem querer, e sem saber, está a fazer o seu papel pra essa situação do caos.

Por exemplo, quando eu falo para os alunos de forma emblemática dessa condição do urbanismo, rodoviarista e mercantilista, é pra realmente provocar, em um processo dialético, e percebermos: afinal de contas nós somos a favor do que? Conceitualmente, filosoficamente?

Somos a favor de uma arquitetura onde todos se encontram, da confiança? Ou nós vamos prosseguir com essa arquitetura e com esse urbanismo do medo, da desconfiança.

Acredito que essa situação urbana passa pelo edifício público, pelo espaço público. Eu acho que a FAU, que faz 60 anos, não pode usar desse jeito as estruturas burocráticas.

Um projeto como esse, que é conhecido no mundo inteiro, onde passaram 60 turmas por aqui. Sobre esse prédio tem que ter uma discussão.

Uma arquitetura mundialmente

reconhecida. Então, eu acho essa dimensão universal, saudável, coletiva, pública, que vai além do nosso quintalzinho, do nosso umbigo, dessas coisas cotidianas que é importante. Não sei se a palavra seria referendo ou plebiscito, mas o projeto tem que ser coletivo.

Não é mais nosso esse prédio. Não é mais do Alexandre, do Paulo, do diretor de plantão, do chefe de departamento de plantão, por isso eu acho que tem que ser uma decisão muito coletiva que envolve tudo, além da prefeitura do campus da USP. É o município de São Paulo, o Governo do Estado de São Paulo, o Governo Federal representado pelo Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, porque o mundo inteiro conhece. Porque a gente que está indignado com isso vai se importar diplomaticamente com ministérios? Nós podemos dizer: “mas o edifício já é tombado...”, mas é um patrimônio mundial no âmbito dos estudantes de arquitetura. A Faculdade de Arquitetura de Delft era um prédio maravilhoso do Bakema (Jacob B. Bakema, 1914-1981) e do Van den Broek (Johannes van den Broek, 1898-1978) e desabou por causa de uma xícara de café (em 13/05/2008 o edifício da escola de arquitetura da TU\_DELFT foi inteiramente destruído por um incêndio devido a pane elétrica em uma cafeteira).

Agora, o principal é a cobertura. A cobertura não dá pra fazer provisório, porque vocês sabem que o Brasil é o país do provisório definitivo, puxadinho e invasão. A gente pode ter uma visão positiva disso, no sentido de ter vantagens nisso, mas eu posso imaginar que podem ter muitas desvantagens em fazer uma cobertura onde

o provisório vai ficar definitivo. Vocês vão voltar aqui daqui a 30 anos e vai estar aqui o problema.

Caiu um pingo aqui...

O aluno no primeiro ano entra com um olhar brilhante, maravilhado... Eu fico constrangido e tenho que pedir desculpas, porque ninguém vai pedir, eu que sou professor, tenho que pedir desculpas em nome da FAU. Porque é uma vergonha! Como é que se diz? Casa de ferreiro espeto de pau? É pior do que isso! Qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, a primeira coisa que ela faz é o abrigo, geralmente se proteger do sol intenso e da chuva. Então a cobertura está vazando, você vai arrumar a cobertura! Depois você vai reformar as coisas lá dentro. É prioridade máxima. Mesmo porque, custa muito dinheiro, você não faz com a cobertura vazando, você não põe móveis novos em casa. Você faz isso? Você faria isso? Precisa ser professor de arquitetura? Precisa ser doutor como eu, fazer mestrado e doutorado?

Eu vou agora falar de espaço privado. Vou fazer uma caricatura. Um dono de uma empresa de embalagens na Vila Carrão. Ele tem uma fábrica, ele sabe quanto custou fazer a fábrica, aquelas máquinas rotativas, os tornos a laser, computador, uma fortuna, pra importar aquilo já foi um trabalho. Embalagens. Já viram como é que funciona? Você acha que ele instalaria aquelas rotativas sofisticadíssimas num lugar que está vazando? Agora veja como se reproduz a nossa maldição, nossa condição colonial, casa grande e senzala. Vocês, eu, professores, podemos respirar tudo isso, pode cair goteira, os alunos podem abrir aquele desenho (por qual) pelo qual tem o maior apreço e pode cair gota. Imagine a Biblioteca de Paris, alguém vai abrir um pergaminho do século XVIII aí cai uma gosma, com uns animaizinhos...

O que eu quero dizer mais

objetivamente é o seguinte: os projetos, todos, devem ser colocados publicamente. WebTV da USP por exemplo. Sempre falo que tem que fazer um tripé.

Escolas públicas de arquitetura, escritórios públicos de projeto e colégio de arquitetos. Não temos isso no Brasil. Um fórum das escolas públicas do Brasil, um estudante lá de João Pessoa tem o direito de conhecer esse edifício, ele paga imposto, imposto do Brasil inteiro. Ele que não entrou na faculdade ainda, está no terceiro colegial da Paraíba, ele tem o direito de visitar esse edifício.

Tem que convocar todo mundo, uma convocação geral. Talvez iremos ouvir exatamente aquilo que todo mundo já sabe: se começa pela cobertura. Não é pra fazer reforma do pavimento térreo antes de fazer a cobertura. Está vazando na biblioteca, a mais importante da América Latina. A impressão que dá é que não parece ser tão importante não é? Se fosse importante... Vocês viram? A poeira? O livro, você vai por seu dedão lá, vai ficar seu polegar com a poeira.

De novo o exemplo do cara que tem a metalúrgica. Quê que ele vai fazer se a rua dele está sendo asfaltada ou ele vai fazer uma reforma? Ele vai contratar, aquela empresa que faz aqueles silos, insufla ar, sabe igual a encher balão? Primeira coisa, mesmo se ele fosse usar uma britadeira, que ele não ia fazer isso, com aqueles aparelhos lá que custam uma fortuna. Mesmo se fosse isso, ele ia fazer uma campana, uma barraca vedada com uma fita onde o cara entraria com máscara, oxigênio, com a britadeira, e entrar com um aspirador, ou borrifaria aquela névoa pra deixar úmida a poeira, igual em marcenaria. Assim que faz em marcenaria, não sei como é aqui. Deveria se fazer a mesma coisa e não meter uma britadeira, que fica a FAU inteira assim. Nem no Iraque bombardeado!

Vou usar um outro exemplo:

Um shopping center, a obra começa depois que o cinema fecha, meia-noite, e termina a hora que o shopping abre. Não pode haver nem cheiro. Os lojistas tomariam uma multa cavalgar se deixassem uma poeirinha. Aqui nós trabalhamos com cheiro de solvente, respiramos solvente.

Não precisa fazer arquitetura pra saber isso. Se vocês forem para casa conversar com os pais e com os avós eles dirão: meus filhos saiam o mais rápido possível dessa escola que é um bando de babão que não sabe o que está dizendo, não é possível!

**tjl** (Que a) A gente percebeu hoje uma movimentação diferente das últimas semanas, queria saber se tem algum motivo especial para isso?

**AD** O DPH da prefeitura queria comparecer só por uma pequena causa, na verdade são várias obras, uma obra que é essa aqui do departamento, parece que é sobre uma demolição de parte do banheiro. O DPH deu um parecer não favorável, e ao mesmo tempo os grupos de professores achavam que isso era um problema, porque eles tinham necessidade de ar, de mais espaço, que é uma visão equivocada sobre o espaço público. Eu acho abominável é muito semelhante a isso aqui (apontando as gavetas trancadas sobre as pranchetas), com todo o respeito se você tranca as gavetas eu acho o fim da picada, se você abrisse uma gaveta e encontrasse um sanduíche, antigo, fossilizado, um sanduíche fossilizado de mortadela com uma mordida, muitos iam ver a arcada, iríamos ver de que arquiteto,...não sei....de que arquiteto?

Esse prédio é uma ferramenta! Esse é o laboratório! A cidade é um laboratório de arquitetura, e esse prédio foi desenhado como uma ferramenta de articulação do raciocínio de projeto, não tem cabimento, por

exemplo, fazer espaços compartimentados. Não tem limites pra privatização, todos pensam aqui como numa hierarquia militar, temos uma hierarquia aqui na universidade, uma casa grande e senzala, então o senhor feudal, o papa, o suserano, os vassallos, ou então um capitão donatário, e quem vai ficar na janelinha? Em uma multinacional são os diretores, depois tem os gerentes e etc...Vamos começar a introduzir isso numa escola pública? Quer dizer é igual ao HU-USP, hospital universitário. Uma porcaria esse projeto! Nunca acredite em um especialista, porque quem fez aquele hospital foi um especialista alemão! Do ponto de vista humanista e social você acha que é justo uma moça ou um rapaz prestar um concurso público e ficar esquecido no hospital universitário seja como enfermeira, ou atendente de enfermagem, e não ver a luz do dia, ficar num sarcófago que parece baía de cavalo? Ela ou ele lá dentro vão ficar loucos! Vão visitar o HU e vejam só o que é a lógica, como trata o espaço público como o espaço privado, é como uma cocheira

O Sarkozy, que é um ultra-conservador, já está falando de fazer coisa pública. Ninguém agüenta mais essa mentira neoliberal, o estado enxuto. A administração pública não tem nada a ver com administração privada, é necessário outro tempo.

Se nós não cuidarmos da coisa pública estamos perdidos. Isso aqui é um projeto maquiavélico de acabar com público. É isso que está por trás do prédio vazar.

Eu lembro quando eu entrei na faculdade, não fiz a FAU, fiz a Belas Artes, a segunda turma, e a FAAP- Desenho Industrial. Lá na FAAP tinha um professor muito interessante, Hebert Duschenes (Herbert Duschenes, 1914-2003, arquiteto alemão) que passava filmes em Super-8, com aquele barulhão, e aquelas músicas dodecafônicas. Lembro que uma das

coisas que ficou marcada na aula dele, que era maravilhosa. Certo dia nos contou sobre uma das escolas da Finlândia, acho que de Rovaniemi, capital da Lapônia, onde Alvar Aalto fez muitas obras públicas. Tem uma escola que nos anos 70 não tinha funcionários, não tinha ninguém pra limpar privada, eram os alunos e professores que cuidavam do prédio, pintar etc. Sabe, por exemplo, na Noruega quando no verão eles aproveitam, fazem como a formiga e a cigarra, e arrumam o telhado? Na escola deles, eles faziam a mesma coisa, não tem empregado. Aqui é casa grande e senzala, então a secretária do departamento tem que ficar sem janelinha, igual no avião... todo mundo vai se arrebrantar no final da pista de Congonhas. Aí não interessa se estava na janelinha ou não, primeira classe ou segunda classe. Comendo salmão ou comendo aquela comida de plástico. Quer dizer, porque aquela moça não pode ficar na janelinha? Por que começamos a fazer pela diretoria? Pela casa grande e não pela senzala? Por que fizemos um jardim e não fizemos a cobertura?

É um desprestígio. Isso aqui é um projeto maquiavélico pra liquidar todo um pensamento humanista social de uma arquitetura.

Uma destruição sistemática do espaço público. Eu gosto muito da Hannah Arendt, eu sugiro que vocês leiam. Hannah Arendt, A condição Humana. Leiam também o último que ela escreveu, ela morreu antes de terminar o livro. A vida do espírito. E o subtítulo é, "o pensar, o querer e o julgar". Ela faleceu em 1975, e os assistentes que estavam editando com ela o livro publicaram...

A condição humana, que fala sobre a vida ativa que na verdade o homem está ligado à ação, e a ação só acontece no espaço público, coletivamente. Nós agimos com o outro e para o outro. Não estou agindo

para mim, estou agindo para você. Você vai agir para mim, então, coletivamente tudo dá certo na visão humanista e social. Isso é a antítese do totalitarismo.

O Aníbal, general cartaginense, sabia muito bem dividir para controlar. Os romanos também sabiam dividir para controlar. Então eu acho que vale para cá, para esta situação do Brasil, a situação do Estado. O que eu posso dizer para vocês, enquanto proposta, eu não sei o que dizer. Individualmente nós não somos nada. Coletivamente, publicamente, nós temos que preservar por que se não... Por que a gente dá aula aqui na FAU? Eu pelo menos que dou aula na FAU, e trabalho em um escritório público de projeto? Porque eu acredito numa visão humanista social. Eu acho que vocês vão ter, estatisticamente, a chance de trabalhar num escritório público de projeto. Com que grau de dignidade e de formação ética, filosófica, poderão trabalhar? Com qual cultura artística, considerando que a cultura arquitetônica e a cultura urbanística é uma cultura artística, e de uma arte muito importante, a arte mais importante, que é a arte da construção da cidade, que é uma obra aberta e inconclusa?

A cidade é uma obra aberta e inconclusa, não é um escomburo. A inconclusão da construção da cidade é uma virtude, você estende a mão para o outro, para acoplar - o acoplamento e a adição. Do jeito que está acontecendo aqui é a devastação. É como os romanos, não aguentando mais as guerras púnicas. Cartago, que hoje é Túnis, capital da Tunísia, era maravilhosa. Hoje não sobrou pedra sobre pedra. Não foi destruída de repente, foram demolindo sorratamente. Virou outra coisa Cartago. Não há vestígio nenhum de Cartago. Então, é isso aqui que está acontecendo. No tempo histórico, é a ruína, não vai ter vestígio nenhum da FAU. É uma luta.

**tjl\_** Em relação a essa necessidade de começar pelo telhado, qual a sua opinião sobre a proposta da sobre-cobertura apresentada? Seria um puxadinho...?

**AD\_** Um puxadinho no sentido não desejado para o espaço público. O puxadinho tem virtudes no sentido do inacabamento da cidade, a virtude de você deixar o outro trabalhar... É diferente da FAU. A FAU é uma ferramenta, não é um edifício. É uma geografia construída, não tem nada a ver com um prédio. Você pode ter um desvio de interpretação disso, não? Já que isso é uma obra aberta, eu posso vir aqui e montar, fazer uma série de baias. Eu posso imaginar. Quantas vezes eu já falei para vocês que isso pode ser um grande ginásio de esportes. Fazer do caramelo uma grande piscina, inunda tudo aquilo, e cada um dos estúdios é um ginásio de esportes, assim por diante. E você pode mudar, agora não é mais um ginásio de esportes, agora vai ser um teatro, uma grande sala para 2000 pessoas, 5 salas. Bom, várias hipóteses de arranjos e combinações mentais, enquanto ferramenta de elaboração de projeto. Mas não é, para de fato, você fazer isso. O cara pegar, fechar e ter a sua salinha com seu escritório. Vai alugar uma na 9 de julho. Podemos construir um anexo de escritórios e pequenos laboratórios.

Tem coisa mais absurda do que fizeram com o porão, a antiga oficina de modelos? Vocês imaginam como era lindo aquele lugar... Eu me lembro de quando eu vinha aqui na década de 70, ainda adolescente, visitar a FAU, e você fica embasbacado, uma criança já gosta, porque o prédio realmente é maravilhoso.

Você via os estudantes subindo essa rampinha que foi fechada. A rampinha onde hoje é o estacionamento dos professores era um dos lugares mais bonitos da FAU e foi fechado com uma parede.

Aquele espaço é um espaço de imaginação projetual, é um espaço de imaginação coletiva, não é pra fechar aquilo lá para colocar cilindros de gás.

Tinha uma situação maravilhosa, quem andava por aquele passeio coberto virado para a avenida: você, em pé, enxergava a grande nave, na altura do olho, você enxergava toda aquela nave e os trabalhos dos alunos, maquetes, protótipos de veículos, que não era carrinho de corrida, uma cretinice o que fazem aqui. Não é possível o pessoal desenhando carrinho de corrida, tem que desenhar VLT, bonde, sabe essas coisas? E naquela época desenhavam barcos. Nos anos 70, os alunos saiam com barcos da rampa. Barco, desenho de barco, é bacana, não é?

E já era um museu, eram 110 metros de vitrine que você via de cima pra baixo. É uma situação incrível, como na Politécnica de Milão, que está em uma esquina e quem anda pela rua de Milão tem um salão Caramelo, que mesmo com a Politécnica fechada, consegue ver a exposição lá dentro. Me lembro de uma exposição do Pininfarina, tudo, desde o primeiro modelo em argila, isopor, até os mock up. Mesmo com o prédio fechado você podia ver toda a exposição. Em Delft também, nas ruas onde se concentram os escritórios de arquitetura, que ficam no pavimento térreo, ao terminar o dia, eles desligam as luzes mas deixam aquelas luminárias em cima das maquetes.

Está cheio de citação esse prédio aqui, e fazem aquelas baias. Tenho que rasgar todos os meus diplomas, de todos os professores daqui de baixo. Fazem aquela salinha, um sarcófago, não respira. Acabou com isso, porque o cara quis ter um espaço só seu.

Já não chega a devastação rodoviária e mercantilista do sistema de ruas, que está voltado ao automóvel, uma lata velha... Aqui é a mesma coisa. Sabe o que

alguém vai provar daqui a pouco? Que tem muito espaço sobrando para o ensino de arquitetura.

Agora eu pergunto: com esse puxadinho, que é um telhadinho, como vai fazer a manutenção? As primeiras perguntas para um prédio público: Como é que nós vamos construir? Como é que nós vamos manter? Como nós vamos usar? Quem vai ser o escravo que vai subir lá? Vocês tomam água da FAU? O grêmio faz uma inspeção na caixa d'água? Se ela é lavada? É fácil chegar na caixa d'água? Então, essas coisas, eu acho que tem que pensar. Quer dizer, como nós vamos fazer para limpar isso daí? Esses domos estão totalmente impregnados... e pintam! Uma idéia mais escabrosa que a outra. Pintaram lá para escurecer aquela sala, caem uns pedaços de tinta, não tem coisa mais cancerígena do que essas tintas, ligações instáveis. Todos esses fenôis aqui, chumbo, a tendência é voltar para a natureza. Imagina o que nós estamos respirando, mais essa poeira em suspensão aqui.

Tem que ser a escola da Finlândia, do Duschenes. Nós vamos limpar as privadas, porque essa moça que hoje limpa a privada poder vir aqui estudar arquitetura, a transposição, nós estamos fazendo a ponte. Deixa que a gente limpa aqui

Como o olhar do colonizador está no colonizado. Você acabou de ter um feriado, vamos supor que você foi para o litoral norte, que é um lixo. Então, isso daqui, eu acho importante colocar isso, porque não adianta, a gente fica falando aqui, e é o primeiro que corta pela direita na Tamoios. Dá uma de esperto. Ai chega aqui e fica fazendo discurso. Bom, espera aí um pouquinho, "você ultrapassa pela direita na Tamoios?", então está fora...é isso mesmo. ..."Não imagina, perante a magnitude do teto da FAU"... Você cala a boca aqui que você passa pela direita na Tamoios. "Não,

imagina, só eu que ultrapassei". A visão sistêmica, não é: "não, só uma bituquinha de cigarro".

Então, essa é uma questão. Quem é, na verdade, o responsável por tudo isso? Como é que a FAU chegou nessa estado?

Bom, agora eu pergunto para vocês. Vamos fazer uma fantasia. Vamos convocar todo mundo, num referendo, num plebiscito, olhar o projeto. E todo mundo chegar a conclusão que é para realmente dividir isso aqui, fazer tudo isso aqui dividido. Ou para demolir. O que nós faríamos? Ou para por realmente um puxadinho? O que nós faríamos? Como é que a maioria decide? Com que autoridade?

Existe um grande projeto político de desqualificar o que é público. Os meios de comunicação não falam que o público é corrupto? Agora eu pergunto: uma diretora de uma escola pública, de 3000 alunos, 2000 alunos, noturno! Enfim, aparência frágil, pequenininha, baixinha... Aparece assim: "diretora de uma escola pública, da Prefeitura de São Paulo, noturno!". Tem 2000 alunos lá! Como ela consegue ter a empatia de falar, de comandar uma escola daquela? Você acha que é por truculência, por dissimulação, por sonsice?

E quanto ganha a diretora daquela escola? Você acha que ela é corrupta? Então é uma mentira que se vende nas vias de comunicação! A maior parte dos municípios brasileiros só tem folha de pagamento. Porque é funcionário público, tem que dar dignidade, não pode deixar eles (definharem) definharem. Isso que (ta) está acontecendo aqui é um definhamento! O supra-sumo, o município mais importante do Brasil, olha só como trata os funcionários públicos. Vocês são servidores públicos, aqui na FAU, a primeira coisa que vocês são é arquitetos, servidores públicos, educadores. Então, eu não estou falando de servidor público só como professor, aluno também é servidor

público. É assim que se trata o servidor público? ...não é possível, acabou de cair um pingo de gosma aqui no lado do Vilas-Boas aqui...

Quem é o responsável? Não tem autoria a Barbárie? Por exemplo essa indignação: não pode ficar resignado, não tem limite, então o... acabou! Pronto: então somos uns losers...

Como fala Hannah Arendt, no livro 'A Condição Humana': Ação. Ação acontece no espaço público. Ação coletiva. No espaço privado se está privado de discutir. Então a FAU já é um espaço privado.

Estou falando exatamente o que eu penso. Eu não sou nada diferente do que eu falo pra vocês nas aulas. Trabalho a quase doze anos, uso a bicicleta como transporte, saio daqui, vou até em casa, vou até o centro.

Quer dizer, não estou falando da boca pra fora, a cidade é do pedestre? Da convivência? Da confiança?

Todo mundo fala assim: é bacana o Alexandre andar de bicicleta, é bacana. Uma escola de arquitetura, de arte, no bicicletário não tem ninguém. Um mar de carros. Se fosse nos anos 60 podia com uma barraca canadense, podia virar um grande acampamento. por que vocês não compram uma kombi velha, faz uma república, cabem duas pessoas numa Kombi não? Tipo um motorhome: estaciona igual esses hot dogs, fica com o pneu murcho mesmo, se alguém reclamar vocês tiram o carro de uma vaga e põe pra outra. Ficam cinco anos aqui no estacionamento, moram aqui. Toma banho na FAU, nada no CEPEUSP, tudo bem?

Mas tem pessoas que são dissimuladas, ficam fazendo caras e bocas, falando da moda. Nos anos 80 fala uma coisa, nos anos 90 fala outra. Hoje é sustentabilidade, antes era reengenharia, antes não-sei-o-que-lá, conforme o andar da coisa.

Essa omissão é perversão .Faz parte; é latente. É o controle cotidiano pra não cair de quatro. São 300 mil anos, 200 mil anos de história do homem, revolução da agricultura 15, 20 mil anos. Mas nós temos que fazer um exercício toda manhã, tipo zen, pra não cair de quatro. São frações de segundo pra se cair de quatro. No sentido da barbárie; pegar um tacape e dar tapa no outro, cortar o outro. Porque de fato nós estamos de quatro. Nós estamos com o olhar do colonizador.

Vocês lembram de quando eu falei de Cartago, das guerras púnicas, a estratégia militar de dividir pra controlar? Você tem técnica militar de fazer isso; nas guerras você mata todos os homens que estão na vida ativa, escraviza as crianças, estupra as mulheres pra nascer um bastardo, que não é mais cartaginês, e sim romano-cartaginês. Como no Brasil, os mestiços que iam caçar os índios em São Paulo. Ele é um português, a mãe era índia, violentada pelos portugueses. São Paulo até ontem era assim, falava tupi, caçadores de índios. A técnica. É sobre isso que eu falo. A máscara. A máscara do poder.

Eu queria estar menos mal-humorado.

*Este texto faz parte da publicação revista tj1 número 00. O professor Alexandre Delijaicov faz parte do Departamento de Projeto da FAUUSP e concedeu esta entrevista à pedido da revista.*

<http://www.revistatj1.com>